

CAIO ALBAHR

**Duas de Farinha
para uma de
*Esperança***

AMOSTRA GRATUITA

Os três primeiros capítulos

Duas de Farinha para uma de Esperança

Caio Albahr

© 2026 Caio Albahr. Todos os direitos reservados.

ISBN 978-65-00000-00-0 (provisório)

1ª edição — São Paulo, 2026

Esta é uma amostra gratuita contendo os três primeiros capítulos da obra, disponibilizada exclusivamente para leitura de avaliação pelo público.

AVISO DE DIREITOS AUTORAIS

Obra protegida pela Lei nº 9.610/1998 (Lei de Direitos Autorais). É proibida a reprodução, total ou parcial, por qualquer meio, bem como a distribuição, o compartilhamento ou a venda deste material sem autorização expressa e por escrito do autor. A violação configura crime previsto no art. 184 do Código Penal e sujeita o infrator às sanções civis e penais cabíveis.

Contato e autorizações: contato@caioalbahr.com.br

Capítulo 1

O início de uma (antiga) viagem

Imagine sua alma condenada ao inferno.

Ruim, não é?

Agora, imagine que todas as gerações anteriores também estão com suas almas encaminhadas para esse submundo de dor e sofrimento graças a uma maldição secular.

Piorou?

Pois bem, esse era o caso não só da minha, mas também das almas do meu irmão, do meu pai e do pai do nosso protagonista – uma maldição sobre nossa família de padeiros que remontava desde o fim da Primeira Guerra Mundial –, mas nem tudo era enxofre nesse bolo infernal, pois havia uma doce cereja pairando acima dessa receita amarga.

Apesar desse fruto ter origem asiática, a cereja desta história é genuinamente brasileira e vem toda besuntada com impaciência por causa da demora nas entregas de suas compras online, banhada em mal humor quando seu mapa astral indica problemas, mas, principalmente,



embebida de uma bondade com a qual poucos corações batem. Essa fruta salvadora, oposta à maçã de Adão e Eva, tem um nome, tal qual reza o título de um poema de Carlos Drummond de Andrade, *Um Chamado João*.

Tínhamos, portanto, duas opções: arrumar nossas malas espectrais e partir com um mínimo de dignidade que nossa existência etérea nos permitia ou confiar em nossa destemida cereja – e assim fizemos.

Se, por um lado, nos faltava favor divino, pois tínhamos sido amaldiçoados, por outro, esbanjávamos uma Esperança teimosa e bem portuguesa: grafada em maiúsculas mesmo, pois era a principal herança da nossa família, o grande ingrediente de nossa existência e, aqui, contada em detalhes para inspirar quem, em seus piores dias, busca força e, nos melhores, tem fé no futuro, por menor que seja.

Bom, nossa história começa, efetivamente, no fim da madrugada do dia 01 de dezembro, com João sentando-se em um dos bancos do saguão do aeroporto internacional Humberto Delgado, próximo a uma gigantesca árvore de Natal, bocejando enquanto mexia em seu iPhone. Chegara em Lisboa há cinco anos, um adolescente recém-saído do colegial, e, em poucas horas, pousaria em São Paulo, cozinheiro formado, pronto para ajudar os pais na época de maiores vendas do ano na tradicional padaria no bairro da Mooca, zona leste da capital. Sentia-se um soldado voltando de uma campanha vitoriosa para seu país: o



sucesso o aguardava e nada poderia dar errado naquele novo capítulo de sua vida, pois sua futura herança no Brasil, a Antônio & Benedito, depois da limpeza energética e das inovações que ele implantaria – já tinha tudo planejado – ia virar case de sucesso, garantindo-lhe a capa da Forbes e uma matéria intitulada algo como:

“Sincretismo e empreendedorismo: a receita do sucesso.

Como um jovem cozinheiro transformou,
em um passe de magia,
uma pequena padaria em uma franquia mundial?”
Nada poderia dar errado, absolutamente nada.

Tudo que João precisaria era de uma boa noite de sono antes de arregaçar as mangas e, enquanto sonhava com sua grandeza, apertava seu belo pingente prateado do signo de Virgem no pescoço.

Estava tão absorto enquanto mexia no seu celular que, primeiro, para confirmar as previsões que fizera sobre sua futura empresa unicórnio, correu diversas páginas de horóscopo. Satisfeito, passou às promoções de fornos industriais smart e, depois de repensar o layout para a cozinha, fechou o navegador e perdeu-se na Galeria, caçando a selfie que usaria em seu futuro crachá, algo que revolucionaria a marcação de ponto e a produtividade. Seria perfeito, tão perfeito que não reparara que, além do vidro que o separava da pista de pousos e decolagens,



nuvens escuras ganhavam volume no céu, ameaçando silenciosamente seu voo e seus planos.

— A tua viagem promete —, disse tio Joaquim ao sentar-se ao seu lado e ajeitar a camisa social branca que apertava sua enorme barriga. — Parece até que estás a ir para a guerra, com essa bomba que trazes aí. — Apontou, com o braço forte e peludo, a mochila verde fluorescente abarrotada que o sobrinho deixara entre os pés, calçados com All Stars brancos como algodão.

— Oi? — Endireitou-se na cadeira, tirou os fones de ouvido que usava, guardou-os no bolso da calça e afastou os cachos da frente do rosto, revelando sua face quadrada e míope, ornada com um par de óculos redondos, ainda perdido nos incensos, no sucesso e na tela de LCD que mostraria os pedidos feitos na padaria, como era de praxe em qualquer fast-food moderno.

— Sai um pouco dessas tuas fantasias e olha para o que importa. — Tio Joaquim lhe mostrou o céu tomado por nuvens escuras e mal-humoradas. — Talvez teu voo seja cancelado.

— Ah, tio, vai dar tudo certo, relaxa. — João bocejou novamente e voltou a olhar para o celular.

— Tens de ser mais atento à vida. — Abriu os braços gentilmente. — Aliás, por que é que não prendes esse cabelo, aí? Não te atrapalha?



— Tá bom, tio. — Sem olhar para ele, João continuou favoritando outros produtos no site da Amazon.

— Vamos tomar um café? — Joaquim levantou-se e bateu na perna magricela do sobrinho, escondida no jeans skinny preto, de aparência intencionalmente rasgada em uma guerra fashion. — Acordaste muito cedo e deves estar com fome...

— Já vai ter bebida e comida no avião, tio... — João ajeitou os cachos para trás e se endireitou no banco, revelando toda frente de sua camisa vermelha estampada com a deusa indiana Durga e seus vários braços — comprada em uma queima de estoque no Amoreira Shopping Center.

— Eu sei, João... — Joaquim também se ajeitou no banco duro do aeroporto. — Só não sei quando vou poder compartilhar outra refeição com o cozinheiro mais teimoso da Mooca... — Sorriu um leve arco de saudade.

— Tá bom, vai... — João botou o celular no bolso. — Mas, dessa vez, eu pago. — Olhou em volta e seus longos cachos soltos balançaram. — Cadê a tia? — Pegou sua mochila verde fluorescente ultra estufada e ficou de pé, com seus 1,82 metros, altura média na nossa família de padeiros luso-brasileiros.

— Foi ao banheiro ou à livraria, sei lá, mas ela vai nos encontrar. — Joaquim se levantou com sua pança e apalpou os bolsos. — Falando nisso, ficou com a minha



carteira. Vou ter com ela. — Ajeitou a calça social marrom. — Vai andando, que eu apanho-te lá.

— Já disse que pago, tio. — João tentou ajeitar a enorme e pesada mochila em suas costas, mas era difícil equilibrar todo o peso do sem-fim de itens místicos que botara ali.

— Eu sei, mas é sempre bom prevenir. — Saiu andando para o lado dos banheiros e deixou João falando sozinho.

— Ô, família teimosa! — Fez que não com a cabeça, colocou os fones e caminhou em direção ao quiosque do outro lado do saguão lotado.

Cabeças-duras no pós-vida, inclusive, mas isso ele descobriria no Brasil.

Em Lisboa, João, seus cachos e sua mochila exagerada gingaram até o quiosque que o tio sugerira e, parando próximo ao caixa, perdaram-se analisando o branding. Salgados muito bonitos, militarmente arrumados nas grades de alumínio. Doces com embalagens berrantes em um display bem convidativo. Até a atendente, de tão bela e arrumada, parecia à venda.

A moça magra e branca, olhos verdes e cabelos louros presos por um firme rabo de cavalo, vestia um uniforme vermelho, quase do mesmo tom de seus lábios e da placa vermelha e preta da The Small Boulangerie, que arrematava a cena, logo acima do complexo maquinário do café.

João tirou os fones:



— ...em vindo, senhor. Gostaria de experimentar nosso cake? — Com seu dedo esquelético, indicou um bolo, também vermelho, entremeado por grossas camadas brancas de um recheio que me lembrava argamassa recém-feita. Na base do prato lustroso, uma plaquinha dourada inscrita em letras negras: Cake Red Velvet.

João levantou os olhos daquele tijolo caído de alguma construção e disse:

— Não, obrigado. Só um café grande mesmo, por favor... — disse e desviou o olhar para o painel de giz, atrás dela, com a opções de bebidas e valores.

— Hoje, temos a promoção do Iced Coffee Mocha, que é bem gostoso e refrescante. — Sorriu e, com o indicador ossudo, mostrou a foto de uma caneca de vidro marrom, encimada por uma montanha pontuda de chantili com raspas de canela.

— Eu acho que só café hoje, obrig-

— Temos também um bom Iced Caramel Macchiato — disse, num forçoso sotaque from New York. — Bom para uma viagem longa e refrescante... — Inclinou levemente a cabeça, toda sorridente.

João pensava apenas com a boca, os olhos vagando entre as opções.

— Tudo bem, pode ser... — Fez que sim para ela e tentou, sem sucesso, ajeitar a mochila que voltava a lhe incomodar.



A atendente virou-se e começou a fazer a mistura que ela parecia ter nascido para preparar, e João, maravilhado, observou-a. Como a Durga estampada em sua camisa com seus tantos braços, a moça se multiplicava para alcançar açúcar, pó de café, canela, chocolate, leite, chantili e fora os tantos botões, medidores e torneiras prateadas, comandando aquele Mahishasura de alumínio com seus poderes assalariadamente divinos.

— Obrigad-... — disse João, tirado de seu devaneio por um copo de isopor vermelho que a loira, de volta à sua forma humana com dois braços, deixara à frente dele no balcão de mármore.

Experimentou.

Na boca, o sabor estranho, então fingiu gostar. Talvez fosse a falta de costume com iced coffees, então pediu para passar a compra no crédito enquanto acessava o aplicativo do cartão no celular. A atendente lhe estendeu a maquininha para fazer o pagamento por aproximação.

Joaquim, que se aproximava justamente quando o sobrinho estava para encostar o celular no aparelho, cutucou de leve a mochila de João para se anunciar, o que foi o suficiente para que seu arsenal místico se desequilibrasse, seu celular não completasse a autorização de pagamento e seu café derramasse um pouco.

— Viu só... — Acostumado com a falta de paciência do sobrinho, Joaquim sorriu e abriu os braços como se



disse o óbvio. — Tu não estarias mais leve se a mochila também estivesse?

Os olhos do nosso pré-capa-da-forbes-místico faiscavam, mas ele respirou fundo e tocou em seu pingente prateado de Virgem antes de responder, convencendo-se que tudo fazia parte de uma provação cármica e, por isso, era melhor ter paciência.

— Tio, pela milionésima vez... — Fechou os olhos, cerrou o punho da mão e trouxe-o próximo ao rosto. — Tudo isso é muito importante para mim. — Respirou fundo, abaixou o braço e abriu os olhos. — Não posso despachar nada disso, são artefatos frágeis, delicados e sa-gra-dos, eles me dão força espiritual. — Bateu com a ponta dos dedos no meio do peito onde repousava o pingente prateado de Virgem.

— Respeito essa manta de retalhos religiosa que compraste, mas a tua força espiritual vem do teu coração. — Com delicadeza, botou a mão grossa no ombro do sobrinho. — É isso que ainda tens de aprender.

João fez que ia responder, mas Joaquim interrompeu-o ao erguer sua grande palma da mão:

— Não quero que me respondas nada. — Abaixou o braço. — Depois conversas contigo mesmo. Se o tio está errado... — Pousou o dedão no próprio peito. — Vais-me provar o contrário. Não quero confusão hoje. — Olhou para o relógio da área de embarque atrás do ombro de



João. — Nosso tempo é curto e tua jornada começa já, logo menos.

João virou-se: 03:31.

Apesar do frio na barriga, voltou a encarar Joaquim.

— Quer que eu segure esse teu trambolho verde? Se chegares ao Brasil com dores nas costas, o teu pai transforma-me no primeiro padeiro fantasma da família. — Riu e esticou o braço musculoso para a mochila, sem saber que sua previsão não estava tão errada assim, afinal de contas eu, este narrador que vos fala, já era não o primeiro, mas o terceiro padeiro entre o lá e o cá etéreo. Se ele quisesse, poderia ser o quarto, isso se Manuel, pai de João e irmão mais novo, obedecesse àquela velha máxima da morte que, respeitosamente, tende a levar primeiro os mais velhos.

— Ninguém vai morrer, tio...

João, sem desistir de sua mochila, virou-se, impaciente, para a atendente loira que, ainda com o mesmo sorriso, segurava a maquininha. Mais uma vez, aproximou o celular e, em vez do comprovante, recebeu um sonoro bip e a seguinte mensagem:

Transação inválida

erro no cartão

— Karma, pega leve! — sussurrou João, esfregando o rosto. — Pelo amor dos deuses... — Abaixou a mão e encarou a atendente.



— O sinal está um pouquinho ruim hoje, senhor. — Pousou a maquininha sobre o balcão como uma joia e, sorrindo, virou-se para Joaquim. — Enquanto a rede não volta, o senhor gostaria de alguma coisa?

— Vê-me um café preto, se faz favor. — Joaquim pegou a velha carteira do bolso de trás.

— O senhor gostaria de experimentar n-

— Só o café, se faz favor. — Procurava dinheiro em meio aos vários documentos amarelados. — E deixa que eu pago o dele e o meu...

— Não precisa, tio. Já falei que pago! — Esticou o celular como se fosse inseri-lo na atendente. — Tenta de novo aí, por favor, e bota o café dele também.

— O sinal está ruim hoje, senhor. — Mostrou a tela da máquina, que se recusava a funcionar. — Deve ser o mal tempo lá fora. — Olhou as gordas nuvens escuras além das janelas do saguão. — Gostaria de tentar outra forma de pagamento? — Olhou, sorridente, para João:

— Mas só uso aproximação, moça... — Bufou.

— Claro, senhor. Vamos tentar novamente. — Acostumada com clientes donos da razão, manteve sua postura. — Vou lhe pedir só um minutinho para voltar o sinal enquanto preparo o café do outro senhor. — Olhou, então, para tio Joaquim, que lhe sorriu com suas rugas macias.



— Obrigado. Trabalhas aí sozinha? — Joaquim encarou o quiosque como se fosse um bicho estranho. — És brasileira?

— Éramos em duas, mas a minha colega achou um outro emprego... — Pressionou suavemente os lábios, mas logo sorriu — Sim, nasci no Rio de Janeiro.

— Notei pelo teu sotaque. — Sorriu à atendente, então virou-se para o sobrinho. — Vês, João? Antigamente, uma pessoa trabalhava no mesmo sítio até morrer. — Coçou a barba rala no rosto redondo. — Era praticamente da família.

— É, tio... É difícil um funcionário leal hoje em dia... — João deu outro torturante gole naquele café estranho.

— O problema não é a pessoa, mas os empregos que deixaram de ser um lar. — Colocou as mãos nos bolsos. — Como te digo sempre, nunca te esqueças de tratar bem os teus funcionários, senão eles fogem.

— Tratar bem, hoje em dia, tio, é pagar bem. — Esfregou seu polegar no indicador diante do rosto do tio. — Tudo depende do caixa da empresa. — Abaixou o braço.

— Pensas demais em dinheiro. — Tirou a mão do bolso e a balançou para João.

— É pra isso que a gente trabalha, não? — Abriu os braços.

— O teu pai vai ter um infarto a ouvir-te falar dessas coisas. — Fez que não com a cabeça. — Vai parecer que eu



não te ensinei nada. — respirou fundo.

— De cozinha, o senhor me ensinou muita coisa mesmo, tio, mas essas questões técnicas, nem se preocupa. Pode deixar comigo. — Olhou tio Joaquim, que o encarava, entediado. — De qualquer modo, pretendo que nossa padaria pague bem. Não dá para exigir lealdade hoje em dia, sei disso, mas preciso de uma equipe sólida. Para isso, tenho que sentar com minha mãe e saber como está nosso caixa. — Tomou outro gole do seu café ruim. — Não devemos estar ricos, mas imagino que haja o suficiente para fazermos bons investimentos.

— Dinheiro é bom, mas tem cuidado para ele não ser o vilão da tua história. — Alisou seu bigode branco.

— Isso é o de menos, tio. A António & Benedito é referência na Mooca. Mais fácil o Brasil entrar em uma guerra, do que aquela padaria estar perto de algum perrengue. — Sorriu, triunfante. — Acho que, até hoje, nem tem outra lá perto da nossa.

— Então depois ligas-me a contar dos teus investimentos. — Tio Joaquim sorriu com seu farto bigode branco. — Manuel vai ter uma trabalhadeira danada contigo. — Riu junto com João, tardia trégua entre gerações.

— O senhor gostaria de comer alguma coisa? — perguntou a atendente, com o script na ponta da língua. Diante do silêncio, continuou, ainda de costas, com seu sem-fim de braços dançando entre xícara, válvulas e



torneiras fumaçentas: — Temos pastel de nata.

— Ótimo, já é uma opção. — Joaquim olhou para a parte de baixo do quiosque. — João, consegues agachar-te para ver se há mais algo? Sabes que o joelho do tio já não é lá grande coisa.

Por reflexo, João se abaixou - a primeira de várias más escolhas que faria até antes do dia de Natal - sem considerar o peso místico que carregava às costas. Se não fosse o braço forte do tio a segurá-lo pela alça da mochila, teria despencado.

— Pela última vez, tem cuidado com esse monte de coisas que andas a carregar, homem. — Joaquim puxou o sobrinho para cima como uma marionete.

— É. Acho que o senhor tem razão... — respondeu, pálido com a possibilidade do tombo. Apesar do coração acelerado, recompôs-se. — Acho que exagerei um pouco na bagagem.

— Deixa que seguro essa bomba que chamas de mochila. — Antes que pudesse terminar de falar, o sobrinho já estava livre. — Olha lá em baixo o que há de bom.

João, visivelmente aliviado, mas orgulhoso demais para admitir, abaixou-se novamente para investigar as prateleiras: salgados bronzeados e doces que pareciam untados em verniz, exceto pela última prateleira que, vazia e escura - a lâmpada ali provavelmente pifara - que



entregara de volta somente seu reflexo, por onde havia mais nada.

— Algo que valha a pena aí? — perguntou o tio, lá de cima.

— Não. — Ergueu-se, colocou novamente sua mochila e olhou a atendente.

— Peço mil desculpas — adiantou-se ela, ajeitando o café do tio sobre o mármore do balcão, como se fosse a dona da franquia: — Já agendamos a visita técnica.

— Tudo bem, então quero um pão com manteiga, se faz favor. — Tio Joaquim alisou o bigode.

— Peço mil desculpas mais uma vez, mas está em falta. — Fez uma cara de quem segura a dor de barriga. — Estamos com problemas com nosso fornecedor. — Deu seu melhor sorriso sem graça. — Às vezes, é complicado trabalhar com fornecedores, senhor. — Olhou, suplicante.

— Entendo... — Joaquim olhou para o nada. — Outro dia, roubaram o caminhão que trazia a nossa farinha e foi um grande problema. — Balançou a cabeça e olhou para a atendente. — Bom, então vê-me o pastel de nata. João, o que queres? — Virou-se para o sobrinho.

— Só esse café aqui já está ótimo. — Tomou forçosamente o resto do seu maravilhoso Iced Tremenda Porcaria Macchiato e, com uma alegria velada, arremessou o copo vermelho no pequeno lixo próximo ao quiosque.



— Então, é só isso — disse Joaquim, bem-humorado, para a atendente, que sumiu atrás do balcão para pegar o doce.

João, enamorado, esticou-se e pegou um folheto da pilha que encontrara entre chocolates, canecas e balas. Nele, um jovem muito bonito sorria, de braços cruzados e vestindo um elegante terno preto, bem ao lado das informações de como abrir uma franquia da The Small Boulangerie. Mostrou-o a Joaquim:

— Está vendo, tio. É isso que a gente devia estar fazendo. — Bateu no panfleto com a parte de trás da mão e entregou-o a Joaquim, que recolocou-o na pilha sem dar-lhe qualquer importância. — Imagine nosso know-how vendendo em escala. — Pegou o folheto novamente, dobrou-o e colocou-o no bolso intencionalmente esgarçado de sua calça fast-fashion vintage. — Você nunca vai botar fé nas minhas ideias mesmo, né?

— Vou repetir o que venho tentando colocar na tua cabeça nos últimos cinco anos. — Joaquim uniu as mãos grossas como se fosse rezar. — Não somos empreendedores, investidores ou o raio que o parta que só pensa em dinheiro. Somos padeiros. — Sacudiu as mãos ainda unidas. — Fazemos comida para gente simples e trabalhadora com fome. — Abaixou os braços, como se cansado. — Tens todo o conhecimento técnico do mundo — respirou fundo — mas te falta entender a parte mais importante de fazer comida, que é alimentar pessoas.



— Tio, tudo isso é muito nobre, e eu sei. — Esfregou as mãos. — Mas a gente podia apenas expandir nossos negócios. Alimentar mais gente, não?

— João, a ideia nunca foi construir um império. — Colocou a mão no ombro do sobrinho. — A nossa missão é outra. Todo mal do mundo começa por uma barriga vazia. — Tamborilou a pança.

— Qual o problema de ter ambição? — João mostrou as palmas para Joaquim como se oferecesse um pouco de lógica à cabeça dura dele.

— O problema é que ela se torna obsessão... — Botou a mão no próprio peito. — E esse foi o fim de muita gente cheia de boas intenções, gajo. Aproveita esse coração bom que tu tens aí e faça a escolha certa no fim das contas. — Com o indicador gordo, bateu no peito ossudo do sobrinho, abaixo seu pingente prateado de Virgem.

— Vou te provar. — Ajeitou os óculos redondos. — E meu pai vai entender. Ele tem mais cabeça e é menos teimoso que você.

— Ah, meu sobrinho... — Fez que não. — Teu pai tem um coração do tamanho do mundo, mas não sei se esse coração dele vai aguentar tuas ideias. — Pousou a mão no peito. — Mas te adianto que ele tem muito para te ensinar, aguarde, apenas aguarde. — Abaixou o braço. — E quem sabe essa tua cabeça dura não mude um pouco.



João quase respondeu, mas a atendente chegou antes, colocando o pastel de nata na bandeja vermelha ao lado dos guardanapos e da xícara de café.

— Pelo menos come aí e vê que não é um bicho de sete cabeças fazer uma franquia padronizada. — Desafiador, pegou o doce com o guardanapo que o ladeava e estendeu-o ao tio.

Rendendo-se, Joaquim ergueu os braços e pegou o pastelzinho de nata, assoprou bem e mordeu, encarando os olhos castanhos de João.

— E então?

João entrelaçou as mãos, confiante de que se mostraria correto, mas não tinha sido daquela vez, pois o tio parecia mastigar um chiclete azedo. Com jeito, devolveu o que não mordera para a bandeja e cuspiu o que estava na boca no guardanapo, que jogou no lixo próximo aos seus pés.

— Mulher, pelo amor de Deus... — Sacudiu a cabeça como se tivesse levado um soco. — Isso não é pastel de nata nem aqui e nem na China. — Virou-se para João. — Tu me metes em cada uma, João, que só por Deus.

— Tio, para que isso?! — João tapou a boca com as mãos.

— Deixa-me reclamar. — Ergueu a palma para João. — Ainda por cima, o meio está gelado. — Virou-se para a atendente.



— Mil desculpas, senhor. — A loira retirou o doce da bandeja com os olhos arregalados de medo. — A nossa receita de pastel de nata está passando por reformulação e esta leva realmente não vem agradando muito aos clientes.

— Você me deu um negócio de que ninguém gosta e, ainda por cima, estão mudando a receita? — Com o indicador, fuzilou os outros pasteis de nata à mostra. — Sua vó sabe a receita do Pastel de Belém, mulher. Avisa isso para este engomado aqui. — Pegou um dos panfletos e balançou no ar. — Meu Deus do céu! Foi a pior coisa que já comi na vida. — Colocou o panfleto, agora amassado, no lugar e bebericou o café. — Sangue de Cristo. — Fez uma careta e pousou a xícara de volta na bandeja. — Já bebeste isso?

— Não posso consumir nada aqui, senhor. — Seus lábios, automatizados, cederam por um instante e mostraram um pequeno fio desanimado.

— Enfim, moça, quanto ficou? — perguntou Joaquim, com uma pitada de remorso.

— 15 euros, senhor. — Sorriu, sem graça.

— Qual é o seu nome? — Pagou e guardou a carteira no bolso de trás.

— Esperança... — Sorriu, pela primeira vez, com a boca e não com o treinamento mecânico que recebera.



— Obrigado, Esperança. — Joaquim sorriu em resposta.
— Vamos, João. É hora da tua aventura começar. —
Abraçou o sobrinho pelos ombros e fizeram o caminho de volta.

Antes de chegarem aos bancos em que estavam anteriormente, encontraram tia Catarina, que acabara seu tour pelas lojinhas e atravessava um mar de millennials entediados trazendo uma pequena sacola de mercado debaixo do braço.

— O que vocês estão aprontando? — disse Rosa, com seu um metro e sessenta vestida de preto.

— Tivemos um probleminha no quiosque, mas acabou tudo bem. — João encarou o tio, que riu.

— Nosso Joãozinho tem muito que aprender ainda, Rosa. — Colocou-se ao lado da esposa e passou o braço musculoso por sua cintura. — Voltar lá pra Mooca vai fazer um bem danado para esse brasileiro metido a europeu. — Esfregou os cachos de João como se ele ainda fosse uma criança.

João ia responder, mas olhou o relógio ao fundo sobre o ombro do tio e disse:

— Acho que minha hora chegou. — engoliu em seco, o coração acelerando um pouco.

Então, escoltados pelo silêncio, hábil orador das saudades, tio e tia o seguiram até a área anterior ao embarque e, lentamente, adiavam ao máximo a despedida



daquela presença que se tornara constante em suas vidas na última meia década. Achavam-no meio esquisitão, um hippie de boutique, como diria Catarina, mas, por gostarem de sua companhia, sabiam que seus finais de semana se tornariam mais solitários sem a música indiana e o cheiro forte de incenso viajando pelos cômodos da casa.

Na área anterior ao embarque, Joaquim e Catarina sentaram-se um de cada lado do sobrinho, cujo olhar havia se perdido nas lembranças, mas retornou ao sentir a mão áspera de seu tio em seus cachos uma última vez.

— João, o que importa não cabe em malas e não se compra na internet, sabes? Tu tens isso de sobra.

— Claro que sei, tio. — Sorriu ante seu momento de sabedoria. — O que importa é a nossa energia e a jornada da nossa alma.

— João, tu tens muitas respostas, mas lhe faltam as dúvidas necessárias. — Sorriu, perdoando o sobrinho, pois, no fim das contas, ele era apenas um jovem adulto de 25 anos que tinha muito a aprender ao longo da vida.

João abriu a boca para responder, mas uma voz feminina e impossivelmente lusitana explodiu nos alto-falantes:

— Passageiros do voo GA 642, com destino a São Paulo, por favor, dirijam-se ao portão 26.



— Acho que é hora — disse João para o tio, que sorria balançando a cabeça, e para Catarina, que já molhava seu doce rosto de mãe postiça.

Foram os três até a área anterior ao embarque onde a fila já estava feita e começava a andar.

João abraçou a tia e respirou fundo o perfume daquele cabelo que se tornara sinônimo de casa. Seria muito estranho entrar na sala e não se deparar com aqueles olhos azuis, sempre acordados, até a hora que fosse, para só então poderem dormir em paz com sua chegada. Antes que começasse a chorar, abraçou o tio e tentou manter a pose. Por mais que não se bicassem, deixou-se ficar naqueles braços fortes, firmes, que haviam lhe ensinado tanto quanto a faculdade, ou mais, sobre pão, cozinha e vida. Respirou fundo, afastou-se, pendurou as mãos nas alças da mochila com os olhos marejados e disse:

— Vou sentir falta de vocês. — Sorriu, e os lábios tremeram.

— Nós também vamos. — Joaquim colocou as mãos sobre os ombros do sobrinho e apertou-os. — Tu tens um coração gigante, gajo, nunca te esqueças disso. — Olhou fundo nos olhos de João durante eternos segundos. — Vá com Deus, meu filho, com o Deus que você achar melhor. — Solto João e olhou para a mulher.

— Seu pai vai ficar orgulhoso do homem que você é — disse tia Rosa, chorando. — Atrás dessas tuas



geringonças, tem um padeiro gigante. Boa viagem, meu amor. Espero que seja um Natal e tanto para você. — Mostrou a sacola de mercado que segurava e lhe estendeu. — Leva isto aqui para o teu pai. Era da tua avó.

— Acho que não cabe na mala. — Enxugou uma lágrima, pegou a sacola e examinou seu conteúdo: uma forma de pão muito velha e amassada. — O que é isso? — Olhou para Rosa.

— Coisa antiga. — respirou fundo — Era para teu pai ter vindo pegar desde que ela se foi, mas Manuel nunca veio, então... — Abriu os braços para ele. — Acho que você tem que levar.

— Tudo bem, tia. — Amarrou a sacola. — Uma lembrança da vovó é uma lembrança.

— Isso é muito mais que uma lembrança, João. — Joaquim pegou a sacola da mão do sobrinho e a balançou diante dos seus olhos — Mas teu pai te explica depois.

João ia perguntar que mistério todo era aquele, mas, antes que pudesse abrir a boca, ouviu o anúncio do seu voo:

— Passageiros do voo GA 642 com destino a São Paulo, por favor, dirijam-se ao portão 26.

Pegou a sacola, abraçou os tios mais uma vez e, antes de ir para a área de inspeção de bagagem, Catarina apontou para uma pequena mancha escura no seu All Star branco.



— Acho que você derrubou um pouco de café.

João olhou para baixo:

— Ah, só uma gotinha. — Ergueu a cabeça, sorriu e, então, foi em direção ao embarque, acenando uma última vez aos tios. Enfim uma nova jornada com novos desafios – começando pela inspeção de bagagem.

Para João, cada item de seu estoque esotérico era fundamental em sua caminhada energética, ainda mais naquela nova fase. Poderia tê-lo despachado junto com sua montanha de bagagens, mas, como o sangue lisboeta corria forte em suas veias, teimoso que só ele, não confiava a terceiros o manejo de seu tesouro espiritual — fora que, para ele, e, quem sabe, para você também, nem parecia tanta coisa assim: um jogo de cristais, tarots, incensos, velas aromáticas, pêndulos de quartzo, japamalas, livros de astrologia, mandalas decorativas, óleos essenciais, runas, talismãs, cartas oráculo, amuletos, tapete de meditação, apanhador de sonhos, ervas secas, grimórios, um pequeno caldeirão, colares de proteção, sinos tibetanos, estátuas de deidades, varinhas mágicas, bolas de cristal, espelhos mágicos, filtros de proteção, compassos astrológicos, kits de limpeza energética e tecidos estampados com signos —, mas tenho lá minhas dúvidas, as mesmas que, aliás, se estamparam no rosto do oficial da inspeção ao ver João se aproximar.



A montanha de cacarecos que, no raio X acendeu como uma árvore de Natal, entrou na mente do fiscal como uma bola em uma máquina de fliperama. Eram tantos itens pequenos e tantos outros problemas a poucos minutos da troca de turnos, que seu visível cansaço falou mais alto. Entre um suspiro e uma oração silenciosa, pediu para não ser descoberto e liberou João que, pouco depois, encarava, aliviado, o bonito comissário de bordo que conferia seu passaporte.

Ao pegar seu documento de volta, recebeu, junto, o frio na barriga que anunciava o quanto a vida o sovaria nas próximas semanas para ele decidir se seria massa de homem que murchava ou crescia.

Como já disse meu médico – porque mesmo depois de morto a gente ainda tem que se cuidar – e um dos meus escritores preferidos, o Dr. Guimarães Rosa: o que a vida quer da gente é coragem, e João precisaria de muita dali em diante.



Capítulo 2

Desespetáculo

Treze horas depois, encontramos João em terras brasileiras, no taxi de um motorista caladão, trafegando pela Mooca, bairro da Zona Leste da Capital de São Paulo. Abraçava sua mochila verde-neon, abarrotada de artigos místicos Made in China, somada àquela sacola com a forma de pão do século passado, que a tia pedira que levasse para seu pai Manuel.

João, entre um bocejo e o latejar da cabeça, derivados de um voo turbulento regado a muito choro de bebês, via através do vidro aquele tempo feio que o seguira, desde Lisboa, com suas nuvens negras, trovoadas e o cheiro de chuva no ar — a tempestade era inevitável. Assim, torcia para que o temporal caísse depois que se deitasse no seu quarto, mas a fina garoa nas janelas do carro o alertava para que se preparasse para o que viria em seguida, mas nem isso tirava sua alegria por estar na Mooca, lar de imigrantes e jovens com dois passaportes.

João, enquanto se ajeitava com sua gigantesca mochila verde-fluorescente no colo, observava o bairro que ia correndo preguiçoso pelas janelas salpicadas d'água.



Durante os cinco anos que estivera fora, nada mudara. Até imaginava que as casinhas, sobradinhos e pequenos comércios deveriam ser os mesmos desde a Primeira Guerra Mundial. Em sua cabeça, a frase de seu astrólogo preferido: tudo que não evolui, morre, então olhava para fora como se, a qualquer momento, tudo fosse desabar e virar algum tipo de poeira milenar.

E assim ia, matutando sozinho sobre a revolução empreendedora da qual a Mooca necessitava, já que a única interação com o motorista era o som da troca de marchas e setas esquerdas e direitas, o que teria incomodado muito João, mas aquele silêncio fúnebre até que era bem-vindo, considerando a dor de cabeça e o sono que lhe importunavam.

Devaneava tanto sobre as infinitas possibilidades de melhorias da região que, quando voltou a si, notou que, apesar de ter passado a maior parte da vida ali e achar que conhecia o bairro tão bem quanto seu quarto em Lisboa, não tinha a menor ideia de onde estava.

Algumas esquerdas e direitas depois, se localizou. Aproximava-se da íngreme ladeira que levava ao verdadeiro começo de sua jornada, a eterna António & Benedito, situada na parte mais alta.

Engoliu em seco, o peito ansioso pela surpresa que faria aos pais, já que decidira chegar alguns dias antes do combinado, mas também por uma novidade que estava



curiosíssimo para ver, justamente ali no pé da ladeira: o mercadinho do finado Bolívia, recentemente reformado por seu filho, que herdara o estabelecimento.

Pelo que ouvira de seus pais, o mercadinho, que era o principal fornecedor de matéria prima da António & Benedito desde que ele se entendia por gente, ficara muito chique. João se sentia feliz por não ser o único empreendedor do bairro.

Os pais do nosso jovem padeiro até chegaram a pensar que se ele tornaria um concorrente, já que o filho, e atual dono, um chamado Luciano, colocara uma pequena padaria lá dentro, mas João prontamente os acalmara: aquilo não passava de um mercado de bairro, e a António & Benedito era uma padaria, ramos totalmente diferentes. E a “padaria” do mercado, entre muitas aspas, era apenas um complemento. Pensando bem, Luciano com certeza precisaria de gente entendida no assunto, e eles tinham um know-how quase secular em panificação. Um raio distante riscou o céu, e o som chegou abafado dentro do carro.

Umedeceu os lábios. imaginando as possibilidades. Para essa futura parceria, obviamente, seria necessário um bom aporte financeiro, portanto, uma das primeiras coisas que João faria era dar uma olhada no caixa da padaria. O Brasil, mais precisamente a cidade de São Paulo, era um lugar caro para qualquer coisa, mas, com fé no destino, tudo daria certo. Segurou o pingente prateado de Virgem.



A têmpora latejou novamente, então massageou-a. No máximo, teriam que dar uma apertada no cinto, mas business são business; sacrifícios fazem parte dos negócios.

O carro passou por cima de um buraco mais fundo do que o motorista supunha, fazendo João se assustar e segurar rapidamente no apoio lateral. Após o solavanco, o carro parou vagarosamente em um farol que ficava próximo ao começo da ladeira, de onde João podia ver, à sua direita, finalmente, o mercadinho do finado Bolívia que, de -inho, não tinha nada.

A enorme faixa era feita em tijolos vermelhos, perfeitamente separados por um cimento de um cinza muito suave. A geometria era tão calma, e o par de cores, tão saboroso, que não era só trabalho de um arquiteto, mas de um artista.

Ao centro, uma grande porta automática, que se abriu com uma elegância tranquila para que uma madame entrasse. João acompanhou, curioso, até ela sumir pelo corredor dos caixas, mas sua visão daquela fidalga entrando, plena e airosa, como se estivesse no século XIX, foi interrompida pela mesma porta que, com cuidado e leveza, jogou aquele plebeu de volta em seu devido lugar — o lado de fora, onde encontrou o que realmente coroa o estabelecimento de Vossa Majestade: no alto, intocável a qualquer mão humana, estava o logotipo. Em um fundo vermelho-sangue, a enorme placa trazia o nome



ATACAMA, em fonte negra, mas o que chamou sua atenção foram o primeiro e o último A que, unidos por um leve risco curvado, transformavam a palavra em um rosto bem-humorado, o que fez João sorrir, quase sem jeito, em resposta àquela genialidade.

— Farol do inferno! — crocitou o motorista, tirando abruptamente João do seu namorico com o Mercado Atacama, quando o sinal abriu.

João olhou para ele sem reação. Pego muito desprevenido, querendo comentar qualquer coisa para não ser um chato, teve seu raciocínio cortado por um trovão violento, que rugiu bem próximo, aparentemente no fim da rua. Emudecera procurando adiante algum sinal do estrondo, mas, ao se virar para o motorista, viu que ele voltara a seu modo anterior: um corpo que trocava marchas, rodava o volante e dava setas. Respirou fundo e tentou relaxar no banco, acompanhando o trajeto do veículo rua acima. A cabeça latejava com mais intensidade, o trovão ainda ecoando no crânio.

Ajeitou-se novamente com sua mochila verde-neon, pensando em como ele e Luciano poderiam ter sido bons amigos na infância, já que o pai lhe contara que tinham mais ou menos a mesma idade. A justificativa do desencontro era das mais simples: o Bolívia era separado, e o filho fora criado mais com a mãe, uma corretora financeira de sucesso na Zona Sul de São Paulo, lar de engravatados, cujo mundo se baseava em ordens de



compra e venda de ações, lugares e pessoas.

João, sabendo que se aproximavam do seu destino, olhou para o GPS pendurado no vidro dianteiro: faltavam menos de três minutos para o desembarque. Sentiu uma pressão no peito e ele agarrou seu pingente prateado de Virgem. Um raio iluminou a tarde que estava ainda mais escura, engrossando a garoa – preocupado, apertou sua enorme mochila.

A possibilidade de a chuva banhar todos os seus artefatos místicos era desastrosa. Se bem que, importando da China, sua reposição não sairia tão cara, e o transporte de compras entre os dois continentes até que andava bem rápido, mas até lá, ficaria espiritualmente de guarda baixa. Agarrou novamente seu pingente prateado de Virgem e rezou para o deus hindu Indra, para o xintoísta Fujin e, principalmente, para São Pedro.

Assim que o carro ficou novamente em terreno plano, João sentiu o coração palpitar. Soltou o pingente quando se deparou, também à sua direita, com a eterna António & Benedito, cuja logomarca delicada era a mesma desde os primórdios: letras brancas envoltas num oval azul celeste que sempre lhe remetia a um céu de brigadeiro. Na mente de João, aquele par de cores formava uma aquarela de lembranças ao mesmo tempo que rascunhava o futuro: tudo, seria diferente – só não imaginava o quanto.



Desceu os olhos e encontrou o velho toldo amarelo aberto, protegendo um pequeno caminhão vermelho estacionado com as portas de trás abertas em frente à calçada. Na lateral, a tal fonte negra sorridente: Atacama. Na parte de trás, três funcionários uniformizados se revezavam para descarregar caixas de tamanhos diversos e grandes sacos de farinha. Business a todo vapor. Tentou ver dentro da padaria, mas o pequeno caminhão estava bem no meio da entrada. Pensou em parar bem ali, pois a chuva ia despencar logo, mas... ele não queria perder sua entrada triunfal, mesmo que chegasse um pouco molhado.

João sorriu. Fazer uma surpresa aos seus pais era sua meta, tanto pela sua chegada inesperada quanto pelo mar de novidades que trazia na mente e nas malas.

Depois de alguns segundos de trânsito livre, fizeram o retorno em um semáforo da avenida de mão dupla pela qual trafegavam, chegando a um restaurante italiano que, para João, era uma das pouquíssimas novidades que tinham acontecido na Mooca depois que ele se fora para Lisboa.

Ao se aproximarem, João tentava ajeitar, pela milésima vez, aquele trambolho verde-fluorescente que ele chamava de mochila sobre as pernas, fora a sacola com a forma de pão velha que sua tia lhe entregara. Se dependesse dele, aquilo já estava no lixo, mas, como era um pedido da finada vovó, tomara todo cuidado do mundo, pois talvez fosse realmente importante para ela e para seu pai



Manuel. Claro, alguns objetos, por mais simples que fossem, poderiam guardar muita energia, e aquela forma de pão... Bom, João logo descobriria os complexos segredos velados em seu metal, um pouco amassado e enferrujado pelo tempo, que faziam de sua família de padeiros uma receita fantástica, sovada em lágrimas, recheada em risos, e finalizada com uma cobertura de outro mundo.

Conforme o carro se aproximava do restaurante e desacelerava, viu melhor as casas vizinhas: com seus tons sóbrios e seus grossos portões de ferro, pareciam ter sido erguidas logo depois que Deus descansara no sétimo dia. Arrisco dizer que Ele já estava revigorado no oitavo, pois o esmero das decorações de natal, com as guirlandas nas portas e pisca-piscas povoando as janelas, era simplesmente divino.

Ao ouvir a seta, João, ansioso, acompanhou o táxi entrar vagorosamente por um estacionamento até parar em uma das cinco vagas divididas por faixas amarelas que terminavam no degrau de um restaurante vazio, cujo piso creme estava livre de suas cadeiras de metal, todas de ponta-cabeça sobre as mesas. Depois de encerrar a corrida solicitada por aplicativo, o motorista saiu ligeiro para descarregar as malas no bagageiro.

João abriu a porta se sentindo o protagonista de uma peça da Broadway, mas teve seu ímpeto pausado ao pisar numa poça, transformando seu All Star branquíssimo, sujo



apenas com uma discreta gota de café até então, em um tênis imundo.

— Qual a próxima merda que vai acontecer nesse caralho? — Colocou a sacola com a forma de pão e a bagagem no chão enquanto o gelado da garoa abraçava seu corpo.

— Boa tarde, amigo. Estamos fechados no momento — disse uma voz de timbre grosso próxima a ele.

João olhou adiante, ergueu-se e encontrou um rapaz alto, de bermuda e camiseta preta, segurando um rodo. A face era retangular, com rabugentos olhos verdes.

— Será que posso deixar essas malas aqui rapidinho? — Mostrou a bagagem descarregada. — Só queria fazer uma surpresa para o meu pai, que é o padeiro ali do outro lado da ru-

— Você é o filho do Manuel? — O rapaz limpou a barba rala e bem-desenhada com a camiseta.

— Sim. E qual seu nome, cara? — disse João, querendo ser educado e descobrir quem era o vizinho bonito. Ajeitou a roupa.

— Garibaldi. — Respirou fundo. — Tudo isso aí é seu? — Apontou com o braço forte e queimado de sol para as últimas malas que o taxista empilhava junto à parede.

— Sim, Garibaldi. — Pigarreou. — Então, eu queria deixar aqui se não for atrapalh-



— Vai atrapalhar, sim. Melhor levar para lá para a sua padaria. — Coçou, irritado, o topo dos cabelos curtos, lisos e penteados para trás.

— Mas é rapidinho... — João ficou vermelho e ajustou seus óculos redondos.

— Não. — Suspirou. — Vai chover, e é um saco abrir o toldo. — Passou o rodo para o outro braço. — Tenho mais o que fazer.

João responderia com uma boa dose de grosseria caso não tivesse visto, pelas lentes cheias de gotículas, seu chofer de cemitério sumir pelo asfalto no sentido oposto ao qual tinha vindo. Virou-se, então, para Garibaldo, cujo pescoço estava vermelho.

— Puta que pariu, hein?! — Garibaldo limpou uma das mãos na camiseta preta. — Agora, deixa essas merdas aí. — Sumiu dentro do restaurante.

Enquanto João ouvia o som furioso do rodo passando pelo chão, se perguntava como era possível gente muito bonita ser proporcionalmente muito da filha da puta. Custava ajudar? Vai ter um infarto desse jeito. Caralho.

Suas reclamações mentais foram interrompidas pelo toró que caiu repentinamente, acompanhado de um trovão furioso.

Apressou-se até a avenida, cortada pela faixa de pedestres, que dava na calçada da António & Benedito. A chuva caía para valer, então João sentia o peso do céu



desabando sobre ele. Puta merda. Mesmo encharcado ainda seria uma entrada triunfal, era só correr. Por sorte, não vinha nenhum carro, então pôde atravessar no semáforo vermelho. Uma série de raios e trovões rompiam o céu escuro como trombetas anunciando o fim do mundo.

Na calçada da Antônio & Benedito, o vermelho-sangue do caminhão do Mercado Atacama brilhava, mesmo em meio ao aguaceiro que explodia no chão como um sem-fim de granadas, apressando a entrega dos grandes sacos de farinha.

Manuel, seu pai, chegou apressado e postou-se bem no degrau da entrada, o branco de sua roupa destacando seu grosso bigode preto lusitano. Sob a segurança do toldo amarelo, alisou sua cabeça de cabelos pretos e lustrosos escovados para trás e voltou para dentro. João, sem parar sua corrida desastrosa, levou a mão ao pingente prateado de Virgem – o show estava prestes a começar.

Ao chegar embaixo do toldo amarelo, João estava tão molhado que parecia derreter. No meio da entrada, ofegante, viu as costas brancas do pai ao centro da área de atendimento, entre clientes, cadeiras e mesas de madeira dobráveis.

— Que rufem os tambores! — disse João, quase gritando, com o que lhe restou de oxigênio, abrindo seus braços, fazendo voar água para todos os lados. Na mesma hora, um raio assustador caiu a poucas quadras de



distância.

Manuel se virou para trás e, ao ver João, congelou.

Pai e filho se encararam, formando um canal de comunicação entre as preocupações de um e as certezas de outro.

Manuel, demorando um instante para processar a informação de que aquele era seu filho, perdeu o ar.

João não poderia estar ali, não era para ele estar ali, não, não, não. Precisava de mais tempo, tinha que se preparar melhor, tinha muito a lhe contar. Prepará-lo para o absurdo que estava por vir, fardo de todas as gerações de padeiros desde seu tataravô Domingos, precisava de mais uns dias, mais tempo antes de lhe contar a verdade – infelizmente, as horas de Manuel colocaram os ponteiros na mala e se foram.

Pai e filho se encaravam, como se uma luta fosse começar a qualquer instante, afogados no cheiro de ovo frito, hambúrguer grelhado e bacon, que se misturava ao da próxima fornada de pães prestes a sair. Até o som dos trovões desesperados e o chiado da comida na chapa haviam sido abafados pelo silêncio que tomara funcionários, clientes e a mãe, Maria, estática no caixa.

João, sorridente, apesar de encharcado, esperava que o pai falasse algo, que risse, que fosse buscar uma toalha para ele, que elogiasse, que qualquer coisa menos botar a mão direita no meio do peito e fazer uma careta de dor.



João, finalmente sentindo o frio das roupas molhadas, abaixou os braços e deu um passo:

— Pai?

Manuel tentou se apoiar na beira da mesa de madeira mais próxima, mas acabou levando-a consigo, juntamente com os planos do filho.

João correu, atropelando tudo e todos, deixando para trás um rastro aquoso de si até encontrar o corpo trêmulo do pai agonizando aos seus pés. Ajoelhou-se, ergueu seu tronco e segurou sua cabeça com a mão esquerda. Manuel não conseguia falar, a mão branca amassando o peito da camiseta com ferocidade. Naquele momento, a redoma dos cabelos cacheados de João isolava-os do resto do mundo, fazendo dele uma nuvem pesarosa sobre o pai.

— Calma, vai ficar tudo bem... — Os olhos de João se encheram de lágrimas.

Manuel, que sentia a vida escorrer pelo chão, tentava desesperadamente falar, mas a dor fulminante no peito não deixava. Uma gorda lágrima escorreu pelo canto de seu olho esquerdo até a mão do filho atrás de sua cabeça. Ergueu o braço do peito e tentou levá-lo até o rosto de João – tentou.

Enquanto o braço de Manuel desfalecia, rascunhando um adeus torto, o filho ergueu a cabeça e seus cachos se abriram como as cortinas de uma peça trágica.



Funcionários e clientes gritavam e corriam, enquanto João, como reza a natureza dos filhos, procurou pela mãe que, catatônica, permanecia em pé, no caixa, tapando a boca com as mãos.

Lá fora, a tempestade caía num estardalhaço de raios e trovões, erguendo no ar uma doce fragrância de água, agora somada ao rançoso cheiro de queimado que nascia da padaria.

— Pai! Pai! Pai! — João sacudia inutilmente Manuel.

Tal qual diria Shakespeare em Rei Lear: e morreu.



Capítulo 3

Pai, filho e espíritos nada santos

No teto da Ant3nio & Benedito, o tamborilar insistente da chuva. N3o era um p3 d'3gua t3o forte quanto a tempestade que ca3ra quando Manuel infartara h3 semanas atr3s, mas era um lembrete constante daquele dia. Incomodado, Jo3o olhou para o alto da parede branca e encontrou o grande rel3gio digital da cozinha, indicando que faltavam alguns minutos para abrirem:

05:52 A.M. – 20/12

Respirou fundo, olhou para frente e observou os pequenos p3es, ainda branquinhos, sendo assados tranquilamente atr3s do vidro do forno industrial.

Desde crian3a, gostava acompanhar, hipnotizado, o milagre da jun33o de ingredientes, temperatura e o trabalho 3rduo da fam3lia, um transe do qual s3 sa3a ao ser despertado pelo carinho de Manuel em sua cabe3a.

— Um dia, filho, voc3 ser3 um grande padeiro — dizia o pai, contente, bagun3ando os cachos de um Jo3o de seis anos.



Desta vez, infelizmente, foi despertado pela mãe, cuja mão pousou em seu ombro como um passarinho sem forças para cantar:

— A primeira coisa que teu pai te mandou fazer nessa padaria foi vigiar os pães nesse forno. — Maria se colocou ao lado de João com seus 1,58 de altura, vestido azul e a touca descartável que guardava um coque de grandes cachos. — Daí, quando dava o tempo, tu saía correndo e gritando, pedindo para tirar o pão como se o mundo fosse acabar... — Sorriu ao filho, que também usava touca descartável.

— Eu queria que essa fosse a minha principal lembrança daqui... — João não desviou o olhar da fornada pálida. — Mas a única coisa que consigo ver é a cara de dor do pai em todo canto.

— Eu te entendo, João. A gente tem que dar tempo ao tempo... — A mão escorregou pelo braço do filho e o apertou carinhosamente. — Precisa de alguma coisa?

— Coragem. — Respirou fundo. — Queria coragem para lidar com tudo isso, mãe. — Uma lágrima escorreu por de trás de seus óculos redondos e desceu por seu rosto quadrado. — Sem o pai aqui, é tão... difícil... — Apertou seu pingente prateado de Virgem e fungou.

— A gente vai conseguir, filho... — Acariciou as costas de João. — E você já entendeu que a culpa não foi sua, não é? Ei, olha para mim... — Esticou a mão até o queixo do



filho e fez com que olhasse para ela de cima. — A gente vai conseguir... — Seus olhos negros, embora em luto, brilhavam com a determinação de uma mãe que tinha que ser forte para ensinar mais uma dura lição de vida ao filho.

— Não importa o que o médico tenha dito, o IML, você, meu tio, o padre, Deus e o mundo. — Tirou os óculos. — É coincidência demais ele ter morrido bem na hora em que cheguei... — Massageou as pálpebras. — Parece até que ele estava só me esperando. — Colocou os óculos novamente e encarou Maria, cuja pele negra tinha um brilho suave à luz morna da cozinha.

— Então, filho, seja grato por ter tido tempo de ver seu pai uma última vez. — Ajeitou seu grande coque de cachos na touca descartável. — Às vezes, como tu mesmo diz, era o destino.

— E qual é o meu destino agora, mãe? — Afastou-se do forno e foi até à comprida mesa de madeira no centro da cozinha. — Entendo de pão, massa e fermento, mas parece que este é o último lugar da face da Terra em que eu deveria estar. — Cruzou os braços.

— Eu também fico perdida sem teu pai. — Olhou em volta. Na cozinha, o maquinário desligado também parecia de luto. — Mas o jeito é seguir em frente. — Esfregou o rosto de pele escura e brilhante.

— Sem o pai? Olha o buraco que está aqui sem ele. — Apontou em volta com o queixo. — Ele era o espírito dessa



padaria. — Tapou o rosto com raiva. — Tem gente que é alma do lugar e... — Abaixou as mãos. — Sem ele, isso daqui não passa de uma cova. — Tirou os óculos redondos e os limpou na camiseta preta.

— Compreendo, filho. — Viu as horas no relógio digital próximo ao teto, onde a chuva ainda caía. — Mas tem outro jeito? — Olhou para o filho e abriu os braços em sinal de dúvida. — Teu pai ia querer que seguissemos em frente. — Abaixou os braços.

— Mas mãe... — Colocou os óculos e encarou Maria. — E se a gente seguir em frente lá em Lisboa? — Deu seu primeiro levíssimo sorriso após quinze dias de luto. — O tio vive precisando de gente de confiança. — Andou até uma masseira industrial desligada junto à parede, que lembrava uma batedeira gigante. — E, hoje em dia, é bem difícil manter um funcionário trabalhando por muito tempo. — Apoiou-se na beira dela. — Ele é meio contra, mas precisa aumentar a padaria. — Olhou para seu interior e encontrou apenas escuridão. — Eu queria ajudar, mas, como ia voltar para cá de qualquer jeito, não coloquei a ideia em prática... — Virou-se para Maria. — A gente pode vender isso tudo aqui e investir lá, o que acha? — Deu dois soquinhos na masseira. — O tio adoraria ter a gente como sócios.

— Eu não sei... — Foi até a mesa de madeira no centro da cozinha. — Isso daqui passou do teu avô para mim, mas teu pai transformou a padaria em algo dele também. —



Alisou o tampo carinhosamente. — Tem muita gente que compra aqui todos os dias há anos, filho. — Levantou o olhar para João. — Fora o nosso pessoal... Olha o Alfredo, por exemplo, trabalha aqui desde que sou criança. — Engoliu em seco. — Não dá para a gente simplesmente ir embora de uma hora para outra... — Apoiou ambos os braços na mesa comprida. — É muita responsabilidade. — Olhou para o nada.

— Mãe, você é a pessoa mais inteligente e racional que conheço, a melhor contadora desse bairro! — Aproximou-se de Maria, ladeando a comprida mesa. — Mas, de uma hora para outra, o pai morreu, e isso colocou muita coisa em cheque na cabeça de todo mundo aqui do bairro, principalmente de quem trabalha com a gente. — Aninhou uma mão no ombro de Maria. — Não é como se a gente fosse para Lisboa com uma mão na frente e outra atrás. — Respirou fundo — Lá, a gente tem casa, família e... — Fechou os olhos por um instante e se concentrou para não chorar. — Esperança. — Abriu os olhos, tirou a mão do ombro de Maria e se afastou.

— Esperança do quê, João? — Virou-se para ele e o encarou.

— De poder virar essa página aqui no Brasil o quanto antes. — Botou as mãos nos bolsos do jeans azul-marinho e olhou para baixo, onde viu seus All Stars branco-imundos.



— Ergue essa cabeça, menino. — Botou as mãos na cintura e fez seu olhar mais sério para João. — Não dá para a gente simplesmente fugir, filho, não era isso que seu pai ia querer. — Balançou o indicador para João.

— E se for um sinal, mãe? — Juntou as mãos como se fosse rezar.

— Concordo. — Andou determinada até ele. — Mas é aquele sinal falando que a vida é quase impossível, mas que a gente não pode desistir. — Envolveu as mãos do filho com as suas. — Não vou simplesmente deixar tudo e todo mundo para trás. — Afastou-se de João.

— Você acha que eu não me importo? — Bateu no peito com a mão direita.

— Não vou tomar nenhuma decisão de cabeça quente. — Uniu os dedos em frente ao rosto. — Muito menos você. — Os indicadores, unidos, miravam o filho. — E que isso fique bem claro. — Abaixou os braços.

— Mãe, raciocina comigo... — Deu alguns passos até o meio da cozinha e encostou os dedos nas têmporas. — Sem o pai, esta padaria não existe. — Abaixou os braços. — Mas, olha, a vida é equilíbrio... — Apertou seu pingente prateado de Virgem. — O mercado do Luciano está de vento em popa contratando gente para caramba, e vai ter uma baita padaria lá dentro... — Soltou o pingente. — Você me disse que ele até paga convênio médico, coisa que a gente nunca fez. — Estendeu a mão para Maria. —



Todo mundo que está aqui deve conseguir um emprego lá, quem sabe até não pague melhor que a gente... — Abaixou o braço. Maria fechou os olhos, esfregou a testa e olhou para cima. O teto, piano celeste, tilintava chuva enquanto a lâmpada de luz amarela brilhava silenciosa, mais clara que as palavras em sua mente. Encarou João.

— Não consigo contra-argumentar o que tu diz, filho. — Abaixou o braço. — Mas vamos pensar nisso com calma pelo menos até o Natal, tudo bem? — Caminhou adiante. — A gente tem muita encomenda até lá. Além disso... — Seu rosto endureceu. — A gente precisa pagar o pessoal e os fornecedores... — Encarou João e respirou fundo. — O nosso caixa está apertado... — Cruzou os braços.

— Como assim, apertado? — João colocou as mãos nos bolsos do jeans azul-marinho. — Você não tem tudo sempre na ponta do lápis?

— Claro que tenho, menino... — Apertou os lábios. — Porém, as coisas foram ficando cada vez mais caras por aqui, e teu pai, bom... — Segurou o pescoço com ambas as mãos. — Eu concordei plenamente com isso, claro. — Abaixou os braços. — Seu pai sempre foi contra aumentar demais o preço das coisas.

— Desde que cheguei, você me atualizou de Deus e o mundo da padaria e do bairro, mas não me falou justo disso? — Uniu as mãos em frente à boca. — Apertado o quanto, mãe?



— Não tinha como te dar mais esse peso logo depois do que aconteceu com teu pai, filho... — Olhou para o nada. — E estamos apertados o suficiente para termos que torcer por um milagre de Natal... — Cruzou os braços. — É isso. — Encarou João.

— E quando que vocês iam me contar? — Tirou os óculos. — Mais essa agora, cara, puta que pariu.

— Teu pai não queria te preocupar. — Descruzou os braços. — Ainda mais tendo que pagar sua faculdade e seus gastos em Lisboa. — Alisou o braço direito.

— Para melhorar, sou parte do problema... — Olhou em volta, borrões irritantes. — Que maravilha... — Colocou os óculos. — O quanto exatamente está em jogo? Me fala a verdade, mãe. — Coçou o queixo irritado — Você sabe cada centavo que entra e sai daqui... — Mordeu o lábio inferior.

— Aluguel, salários do mês, segunda parcela do 13º... — Seus olhos iam de um lado ao outro, acessando seus arquivos mentais tão bem organizados. — E os fornecedores, claro, principalmente o mercado do Bolívia, nosso maior gasto. — Terminou sua caminhada pelo quadrante D, seção F, estante M e prateleira B de seu cérebro.

— Vamos falar com o Luciano, então! — Abriu os braços como se a resposta fosse óbvia. — A gente pede mais tempo para pagar. — Abaixou os braços. — Me lembro até



que vocês já ajudaram o Bolívia quando ele precisou. — Socou levemente a palma da mão.

— João, o Luciano é totalmente diferente do Bolívia. — Fez um X com os braços. — Nem parece filho dele.

— Como assim? — Ajeitou sua touca descartável.

— O que eu quero dizer, filho... — Colocou a mão em frente à boca e pigarreou. — Digamos que ele é mais dos negócios do que das pessoas. — Olhou para o chão procurando as palavras certas. — Mas, talvez, você consiga falar com ele. — Ergueu o rosto, desanimada. — Porque eu mesma não tenho paciência para falar com aquele homem. — Ajeitou seu vestido azul. — Eu não confio nele. — Ergueu as mãos em sinal de rendição. — Mas pode ser minha idade, sou de outro tempo e me acostumei com o Bolívia. — Saiu de perto de João e foi em direção à porta dupla de madeira que dava para área de atendimento. — Sei lá, filho. — Virou-se para João. — Você estudou mais, é mais novo... — Balançava a mão no ar elencando as possibilidades. — Talvez seja assim que as pessoas mais novas tratem os negócios hoje em dia. — Abaixou o braço. — Não sei o que botam na cabeça de vocês nesses cursos da internet. — Fez que não, impaciente.

— Falo com ele, mãe. — Ergueu e sacudiu os punhos cerrados. — Não é possível que tanto tempo de negócios juntos vá por água abaixo assim, ainda mais perto do



Natal. — Abaixou os punhos e olhou para a guirlanda sobre a porta dupla de madeira da entrada. — Como o pai dizia, o Natal amolece qualquer coração. — Olhou para Maria. — Ele pode ser o empreendedor moderno que for. — Balançou as mãos em frente ao rosto. — Mas ainda existe uma coisa chamada gratidão. — Ergueu o queixo, resoluto. — E talvez nada que uma bandeja dos nossos sonhos não resolva. Tem o número dele? — Pegou o celular do bolso. — Me passa que eu ligo daqui a pouco.

— Melhor tu ir direto lá. — Fez sinal para guardar o telefone. — Ele vivia insistindo para teu pai fazer uma visita. — Encarou João. — É exibido, filho, vai querer te impressionar. — Balançou o indicador para ele — Se tu ligar, ele vai pedir para tu ir lá do mesmo jeito. — Olhou para o grande relógio digital próximo ao teto. — Vai como quem não quer nada. — Encarou João. — Será ótimo para o teatrinho dele. — Revirou os olhos, o negro das íris quase sumindo dentro das pálpebras.

— Você não gosta mesmo desse cara, hein? — Guardou o celular. — Daqui, estou sentindo essa energia carregada quando você fala dele. — Mostrou os pelos arrepiados do antebraço. — Não sei para que esse exagero... — Abaixou o braço.

— Pode ser, filho. — Balançou a mão em frente ao rosto. — O que importa é ficar esperto com esse homem. — Abaixou o braço e respirou fundo. — Mas confio em você pra dar um jeito nisso tudo. — Os olhos brilhavam para



João. — Seu pai vai ficar orgulhoso, onde quer que ele esteja. Você já é um homem feito. — Sorriu.

— Vou dar meu melhor, mãe. — Sorriu de volta. — Então, vou lá depois do almoço. — Pigarreou. — Você não tem mais nada para me falar? — Franziu as sobrancelhas.

— Queria entender esse questionamento todo. — Colocou as mãos na cintura e ergueu o queixo para João. — Não confia na tua mãe?

— Não é isso... — Negou com as mãos nervosamente. — Quando o pai infartou... — Apertou os dedos. — Parecia que tinha algo muito importante para me falar. — Olhou para cima e bufou se esforçando para não chorar.

— João... — Desarmou sua postura. — Acho que teu pai só estava tentando se despedir. — Respirou fundo. — Eu faria exatamente o mesmo. — Colocou a mão no peito.

— Mas foi tão forte. — Segurou seu pingente prateado de Virgem.

— Seja o que for, filho, teu pai levou com ele. — Uma lágrima escorreu pela bochecha.

— Bom, um dia ele vai me contar. — Olhou para cima, procurando no teto alguma rachadura por onde pudesse ver o paraíso onde Manuel repousava, mal imaginando que seu pai estava muito mais perto e agitado do que supunha. Na verdade, bem preocupado com João, para ser franco — e não era para menos.



— Que esse dia demore muito, filho. — Maria olhou para o grande relógio digital próximo ao teto. — Vamos lá para frente, preciso de ajuda para abrir aquela porta emperrada. — Saiu andando em direção à saída que dava para o balcão de atendimento.

— E como estamos para fazer as encomendas do fim do ano? Temos tudo? — Seguiu Maria, que já abria a porta dupla de madeira.

— Dá para aguentar até dia 23. — Parou sob o batente, no aguardo do filho. — Só a parte do Luciano que está faltando. — Soltoou a porta e deixou João segurá-la. — Depois do que aconteceu com seu pai, o Luciano falou comigo e disse que faria a entrega do que faltava quando a gente estivesse em condições de trabalhar. — Entrou no corredor do balcão de atendimento. — Aproveita e veja isso com ele também, filho. — Virou o pescoço e olhou João que vinha em sua direção.

— O cara não é de todo ruim também pelo visto... — João passou por Maria, foi até a parte do balcão onde havia uma portinhola e a abriu.

— Não boto minha mão no fogo por ele e sugiro que você faça o mesmo. — Passou para a área das cadeiras e mesas de madeira envernizadas. — Mas, no fim das contas... — Respirou fundo. — Quem sabe não sou eu que estou virando uma velha ranzinza e talvez as pessoas tenham um pouco de bom senso... — Caminhou em direção



à grande porta de ferro trancada lá na frente.

— Fazer investimentos, gastar, inovar. — João contava nos dedos. — Tudo isso pesa muito na cabeça de um empreendedor. — Passou pela portinhola, fechou-a e seguiu Maria. — Inclusive, ponderar o que é certo e errado.

— O que ele pensa é problema dele. — De costas, ergueu o braço e balançou o indicador. — É você quem deve ponderar o que é certo ou errado. — Passava entre as cadeiras e mesas como água contornando pedras.

— Sim, mãe, com certeza. — João seguia Maria quase batendo nas quinas e nos espaldares. — O Luciano deve ser linha dura mesmo, mas acredito que seja só pelo bem dos negócios. — Bateu a perna em uma cadeira e quase a derrubou. — Eu escolheria fazer do mesmo jeito. — Segurou-a e colocou-a no lugar.

— Só existem dois tipos de escolhas nessa vida, João. — Maria parou no meio do caminho e se virou. — Aquelas em que não temos opção e, aquelas em que temos opção, mas fugimos da responsabilidade. — Encarou o filho bem no fundo de seus olhos. — Muito cuidado com suas decisões.

— Tá bom, tá bom. — Ergueu os braços em sinal de rendição. — Não sei para que esse agouro todo, eu, hein! — Apoiou-se em uma das mesas — Eu sei o que estou fazendo. — Sentiu um arrepio no tampo gelado e puxou rapidamente o braço de volta.



— Torço para que sim, filho — Maria voltou ao seu caminho e chegou à grande porta de ferro. — Vamos abrir isso aqui e começar um novo dia, sim? O pessoal e a clientela toda está para chegar. — Pegou um grande molho de chaves no bolso do vestido azul. — E por que tem uma forma de pão do século passado ali no caixa?

— Ah, esqueci de falar. — Bateu na testa. — A tia mandou, era da vó para o pai. — Coçou o queixo nu. — Não queria deixar em casa, então botei ali. — Aproximou-se de Maria. — Sei lá, talvez virasse um enfeite. Gosto desses lugares que mantém algumas peças do começo do negócio, deixa um ar meio vintage. — Pigarreou. — Acha melhor devolver?

— Não tem lá muita cara de herança. — Procurava uma das várias chaves no grande molho. — Mas, se era importante para sua avó, é importante para mim. — Seguiu concentrada na busca.

— É, a gente nunca sabe a energia que uma coisa simples pode ter. — Apertou seu pingente prateado de Virgem, se aproximou e parou em frente à grande porta de ferro. — Acabada daquele jeito, até parece que veio do meio de uma guerra.

— Já é melhor que aquele monte de tralha que tu trouxe. — Ergueu uma chave do molho. — Sempre confundo esta com as outras.



— Ótimos equipamentos para a cozinha lá de casa e coisa mística importante, se você quer saber. — Apertou os lábios.

— Pelo amor de Deus, João. — Mirou os olhos de jabuticaba do filho. — Uma coisa ou outra ali até que ajuda, mas a maioria não tem a menor necessidade. — Agachou em frente à fechadura da porta, que parecia um tijolo de ferro arredondado. — Fora aquele bando de cacareco... místico. — Fez aspas com a mão livre, ainda conferindo se a chave que pegara era a correta.

— É tudo para melhorar a energia da nossa casa. — Abriu os braços indignado.

— João, abaixa aqui e puxa a tranca. — Fez sinal para que se aproximasse. — Só teu pai para abrir isso aqui sozinho.

— Você não tem suas imagens de santo e tudo o mais? — Ficou de joelhos, agarrou a tranca e a puxou para cima.

— João, eu tenho uma religião que vem com a minha família há muito tempo. — Bateu levemente o molho de chaves no peito. — E não esse recorte de coisa comprada online. — Balançou as chaves indicando o pingente prateado de Virgem dele. — Tu quer acreditar em algo? Acredite, mas tenha foco, menino, foco. — Encarou João.

— Mãe, não tem o menor problema em beber em mais de uma fonte. — Soltou a tranca. — Sua religião mesmo faz exatamente isso. — Cruzou os braços.



— Mas nem queira comparar a meu Candomblé com essas tuas porcarias. — Balançou veemente o molho de chaves na direção de João, perdendo de vista a que escolhera.

— Tá bom, mãe, desculpa. — Pegou novamente a tranca com as duas mãos e fez força para cima.

— Tu precisa descansar, menino. — Voltou a procurar a chave no grande molho. — Não dorme direito e fica aí falando besteira.

— Queria, mãe, mas sempre que durmo, vejo o pai caindo. — Respirou fundo e afrouxou um pouco a tranca. — Volta a dor de cabeça e vem também o barulho dos raios daquele dia. — Engoliu em seco. — Não aguento mais essa chuvarada toda. — Olhou para cima, agoniado com a insistência da água caindo sobre o teto. — Eu só queria um pouco de silêncio na minha cabeça. — Fechou os olhos. — No escuro, ouço de tudo, é uma zona. — Pigarreou. — E quando consigo cochilar, de quebra, sonho com aquele bando de bebê chorando no avião de Lisboa para cá... — Abriu os olhos. — Desmaiar até que não seria má ideia.

— Tenha força, filho. — Respirou fundo. — Senão, uma hora, tu acaba duro nesse chão também, e vai sobrar para mim. — Maria achou novamente a chave da grande porta de ferro. — Essa dor toda vai embora logo. — Colocou-a na fechadura. — Como é que o Manuel abria isso tão fácil?



Jesus. — Sacudiu a tranca.

— Eu estava aqui pensando, mãe. — Fez mais força na tranca para cima. — Quem sabe o Luciano no faz uma proposta que arrente no pueda recusare? — Imitou da pior maneira um mafioso italiano cliché e riu.

— Por que ele ia fazer isso, João? — Balançou o miolo da fechadura com mais força. — Que negócio duro.

— Bom, esse nosso bairro é cheio de bar, boteco, restaurante, nossa padaria inclusive. — Sacudiu a tranca. — Ou seja, aqui é um point bacana. — Suor escorreu de sua testa. — Com o investimento certo, com a visão certa... — Uma gota caiu em seu olho. — Esse bairro de velho tem muito futuro. — Fez uma careta pela breve ardência.

— Não cuspa no prato em que você comeu, filho. — Maria parou de girar a chave e encarou João. — Esse bairro de velho aqui foi a casa do teu pai e ainda é a minha e a tua, menino. — Os olhos faiscavam.

— Amo esse lugar, mãe. — Levantou as mãos em sinal de rendição. — Mas tudo tem que evoluir.

— É você quem tem que evoluir, menino. — Voltou a girar a chave. — Anda, se concentra aqui.

— Só estou falando que boas surpresas podem acontecer a qualquer momento. — Apertou os lábios e voltou a puxar a tranca.

— Só teu pai mesmo para abrir fácil isso daqui. — Fez que não.



João estava para falar qualquer coisa, até que enxergou, de repente, uma silhueta branca ajoelhar ao lado da mãe e dar pequenos socos na tranca através da mão dela. Petrificado ergueu o olhar e, com o coração aos pulos, encarou o rosto do pai falecido.

— Finalmente! — disse Maria ao ouvir a tranca ceder.

João nem registrou o alívio da mãe, pois estava ocupado demais segurando seu pingente prateado de Virgem e rezando para o primeiro que lhe concedesse proteção. Manuel estava ali, branco, quase transparente, parecendo meio gelado, encarando-o triste e sereno, bem ao lado de Maria, que se levantou e ergueu a porta alguns palmos. O metal subiu cantando suas décadas de uso num rangido sinistro. Pela padaria, a fraca luz do alvorecer chuvoso fez com que Manuel desaparecesse como fumaça.

Maria, satisfeita, olhou para João, que se mantinha na mesma posição, pálido e mudo.

— Está tudo bem, filho? — Inclinou-se para frente. — Parece que viu um fantasma.

A resposta de João foi um desmaio cinematográfico: caiu de lado, fazendo um baque forte ao se encontrar com o chão. Seus 1,82 metros de altura desabaram em um monumento de medo, remorso e saudades, que Maria, mantendo toda sua calma, acudiu.

Ironicamente, esses eram os mesmos sentimentos que faziam o coração morto de Manuel palpitar naquele exato



momento, enquanto seu espectro olhava para dentro do forno industrial, vigiando a fornada de pães que seu filho fazia. Uma lágrima fantasma rolou por seu rosto, passou pelos lábios trêmulos e, ao cair do queixo, evaporou no ar. Manuel não era uma alma penada, mas uma alma da qual eu tinha pena. Aproximei-me dele, coloquei a mão em seu ombro e disse:

— Vai dar tudo certo.

— António, ele é só um garoto! — Manuel virou seu rosto para mim e seu olhar, ainda que morto, tinha a ira de um exército vivo.

— Ele já é um homem, Manuel. — Respirei profundamente. — E terá toda ajuda minha, sua e do Benedito. Não é, Benedito? — Virei-me para a mesa no centro da cozinha e vi surgir o fantasma musculoso do meu irmão apoiado nela, impecavelmente vestido em suspensórios, regata e calça social.

Os pés cruzados, um braço atravessado à altura do peito, servindo de apoio ao outro, que segurava o cigarro espectral ao nível daquele rosto de barba rala e poucos amigos. Sem dúvidas, nunca perdera sua pose de boêmio. Eterno amante de uma boa briga, vinho barato e apostas nos bares do Rio Tejo, estava agora ali, na margem entre o céu e o inferno temendo por seu destino no pós-vida.

— Claro, tudo sob controle. — Sorriu como quem esconde um Ás. — O que de ruim pode acontecer se esse



moleque cagar tudo? — Deu um trago profundo. — Além do caralho das nossas almas passarem o Natal e o resto da eternidade no Inferno? — Baforou e riu. — Olha o velho Domingos ali, dormindo tranquilo. — Umedeceu os lábios. — Acho que realmente não temos com que nos preocupar. — Mirou o resto de cigarro para a saída, onde nosso pai dormia tranquilamente, como fazia nos últimos cem anos.

Olhei, e lá estava aquele ex-padeiro, veterano da Primeira Guerra Mundial, com seus mais de dois metros de altura dormindo estatelado no chão. Sua gigantesca barriga subindo e descendo como se nossas almas não estivessem a um sopro de serem condenadas pela eternidade. Voltei minha cabeça para Benedito, censurando-o com o olhar.

— Que foi? — deu outra tragada. — Como você mesmo disse, é só falar com o Joãozinho o que precisa ser feito e pronto. — Baforou como um dragão. — Não é, ó, senhor tenho-um-plano-infalível-para-hoje-a-noite? — Deu um peteleco na bituca, que sumiu no ar. — Será bem tranquilo para ele receber a visita do pai, bisavôs e tataravô flutuando na frente dele. — Pegou um maço de cigarro no bolso. — Imagino que ele vai passar um café para todos nós e iremos rir a noite toda. — Puxou um isqueiro do maço. — Quem nunca desmaiou de tanta alegria ao ver o pai morto? — Pegou um cigarro, acendeu e encarou o isqueiro. — Branco dá um azar do caralho. — Dissolveu-se no ar, tal qual sua guimba.



Fiz que não e dei uns tapinhas nas costas de Manuel. Olhei para o grande relógio digital próximo ao teto. Cada minuto que passava naquele mundo terreno era um minuto a menos que tínhamos para salvar nossas almas. Se havia algo que eu odiava era dar razão ao meu irmão Benedito, no entanto, sua preocupação era bem fundamentada: João tinha que nos ouvir e, além disso, ficar calmo para fazer o que lhe cabia independentemente de sua vontade. Teria ele fibra para tudo isso? Aquele desmaio era mau sinal.

Olhei para cima, rogando à Nossa Senhora de Fátima um milagre, uma luz, uma dica, mas tudo que obtive foi o som da chuva escoando minha Esperança pelas telhas, e o cheiro da primeira fornada tomando a cozinha.

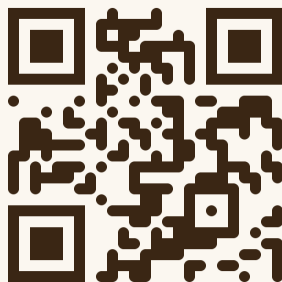
O Inferno com seu bafo azedo nos aguardava, rindo da nossa cara, enquanto quebrávamos a cabeça sobre como falar a João a respeito de sua missão.



FIM DA AMOSTRA

Gostou da leitura?

A história está só começando.



Adquira seu exemplar autografado

caioalbahr.com.br

Siga e acompanhe as novidades



Instagram



TikTok